

ESTRATÉGIAS DE POVOAMENTO ENTRE O BRONZE PLENO E FINAL NA REGIÃO DE BEJA

Miguel Serra¹
Eduardo Porfírio²

Resumo

A região de Beja foi cenário de inúmeros trabalhos arqueológicos nos últimos 10 anos que têm revolucionado o nosso conhecimento sobre as formas de ocupação deste território durante a pré-história recente.

Os novos dados, maioritariamente oriundos da “arqueologia preventiva”, permitem traçar um cenário mais complexo sobre o povoamento entre o Bronze Pleno e o Bronze Final.

O Bronze Pleno é marcado por ocupações de planície sem preocupações defensivas localizadas em zonas de grande potencial agrícola nas proximidades de cursos de água secundários. No Bronze Final evidencia-se uma hierarquização assente na variabilidade, surgindo povoados fortificados em altura, outros localizados em zonas de controlo de vias fluviais, com ou sem muralhas, e alguns povoados de planície que mantêm as mesmas características do período anterior.

Palavras-chave: Bronze Pleno, Bronze Final, Povoamento, Sudoeste Peninsular

Abstract

In the past 10 years numerous archaeological works were conducted in the Beja region that have changed our knowledge about the settlement patterns of recent prehistory in this territory.

The new data, mostly coming from rescue archaeology, help to establish a more complex framework about the settlement strategies of the Middle and Late Bronze ages. The Middle Bronze Age sites are located in flat lands in the vicinity of secondary watercourses and are characterized by the absence of defensive structures. In the Late

¹ Palimpsesto, Lda. miguelserra@palimpsesto.pt

² Palimpsesto, Lda. eduardoporfirio@palimpsesto.pt

Bronze Age comes to light a settlement hierarchy based on the spatial variability of locations: the emergence of fortified settlement on hill tops and others located near waterways which have or do not have defensive walls. At the same time some lowlands sites maintain the same characteristics of the previous period.

Key-words: Middle Bronze Age, Late Bronze Age, Settlement, Southwest Iberian Peninsula

1. Introdução

Na região do Baixo Alentejo tem-se assistido a um incremento exponencial de dados referentes a diversas realidades arqueológicas da pré-história recente resultantes dos inúmeros trabalhos de arqueologia preventiva integrados em grandes obras públicas, cujo exemplo mais significativo corresponde ao Empreendimento de Fins Múltiplos de Alqueva. Para o que à Idade do Bronze diz respeito estes novos elementos, que se refletem numa enorme quantidade de sítios até então desconhecidos, tem permitido uma autêntica revolução científica que altera e enriquece as sínteses anteriormente produzidas.

A área considerada neste ensaio reporta-se essencialmente ao espaço administrativo do concelho de Beja, região onde os autores têm desenvolvido diversos trabalhos sobre a Idade do Bronze na sequência do projeto de investigação iniciado em 2008 no povoado do Bronze Final do Outeiro do Circo.

O concelho de Beja é uma das regiões do Baixo Alentejo onde foi identificada maior quantidade de sítios arqueológicos da Idade do Bronze nos últimos anos. Desde há muito que a região chama a atenção de investigadores que se debruçaram sobre este período, tal como José Leite de Vasconcelos que nos finais do século XIX recolhe e publica diversos achados sepulcrais surgidos a oeste de Beja (Vasconcelos 1906). Mas seria somente nos meados do século seguinte que Abel Viana e Fernando Nunes Ribeiro desenvolvem um intenso labor que lhes permite documentar um vasto acervo atribuível à Idade do Bronze ao mesmo tempo que intervencionam ou recolhem informações sobre um importante conjunto de sítios, sobretudo funerários, por todo o território do concelho (Serra e Porfírio 2012: 137, 138).

Seria apenas nas décadas de 1970-80 que surgem novos trabalhos, desta vez a incidirem sobre as redes de povoamento, e que permitem conhecer uma série de povoados do Baixo Alentejo entre os quais se insere o Outeiro do Circo (Parreira 1977; Parreira e Soares 1981).

O início do século XXI trouxe uma autêntica revolução de conhecimento motivado pelo grande número de trabalhos arqueológicos realizados na região em ações de arqueologia preventiva, mas também com a consolidação de um projeto de investigação dedicado à Idade do Bronze centrado no povoado do Outeiro do Circo.

A fraca expressão em termos de publicação científica dos muitos dados produzidos neste território, no que à Idade do Bronze diz respeito, não tem impedido a produção de algumas sínteses regionais e ensaios sobre as formas de ocupação humana deste período.

Assim, alguns autores têm-se debruçado sobre as redes de povoamento, sendo de assinalar trabalhos sobre o Bronze Final na área do Guadiana (Antunes *et al.* 2012; Soares 2013) ou na região de Beja (Serra e Porfírio 2012; Serra 2014b; Vilaça 2014) para além de outros mais abrangentes centrados na análise das formas de ocupação ao longo da Idade do Bronze (Serra 2014a).

Devemos ainda assinalar um importante contributo recente que permitiu a sistematização de todas as datações de radiocarbono disponíveis para o Bronze do Sudoeste e que geraram uma nova proposta para a divisão entre as suas fases, agora genericamente enquadradas em dois momentos: o Bronze Pleno do Sudoeste (entre 2070-1930 / 1170-1050 a.C.) e o Bronze Final do Sudoeste (entre 1170-1050 / 780-730 a.C.) (Mataloto *et al.* 2013), proposta que seguimos no presente texto.

2. Marco geográfico

A área geográfica considerada para este ensaio sobre o povoamento entre o Bronze Pleno e Final corresponde à região administrativa do concelho de Beja, o que desde logo traduz a escolha de fronteiras atuais que pouca relação terão com a realidade dos períodos em causa. Esta escolha baseada em limites tão artificiais deve-se ao facto da região de Beja constituir um caso de estudo privilegiado pelos vastos trabalhos arqueológicos aí empreendidos nos últimos anos que como consequência

possibilitaram um grande aumento do número de sítios da Idade do Bronze. No entanto, esta síntese terá de ser futuramente articulada com os cenários hoje disponíveis para os concelhos vizinhos, sobretudo de Ferreira do Alentejo, Aljustrel e Serpa onde se regista uma situação similar em termos de conhecimento produzido.

O concelho de Beja é delimitado a este pelo Rio Guadiana, a oeste pela bacia terciária do Sado, a norte pelos relevos da Serra do Mendro e a Sul pela vasta peneplanície que caracteriza a maior parte do seu território. É atravessado por uma faixa de terrenos de grande potencial agrícola conhecidos como Barros Pretos e caracteriza-se pela existência de extensas zonas planas, que atingem a sua maior expressão na região de Santa Vitória, pontuadas por suaves relevos ondulantes. São poucas as elevações que se destacam, como a própria colina onde se localiza a cidade de Beja ou o conjunto de cerros nas vizinhanças de Beringel. Junto ao Guadiana, bem como nas proximidades das Ribeiras de Cobres e Terges no limite sul e sudeste do concelho, a orografia torna-se mais acidentada devido ao encaixe destas importantes linhas de água.



Fig. 1 – O concelho de Beja no mapa de Portugal

3. Os povoados

Ao longo do texto apenas serão descritos os povoados que se encontram publicados uma vez que muitos outros apenas são referenciados em bases de dados como o Endovélico, com descrições sumárias retiradas de relatórios técnicos. Esta situação leva a que na presente análise exista uma situação de desequilíbrio nas fontes disponíveis, razão pela qual optámos por apenas utilizar os sítios não publicados nas tabelas gerais (tabelas 1 e 2) de modo a permitir ao leitor conhecer a realidade mais vasta que ainda se encontra por estudar, aguardando-se a devida publicação de muitos sítios entretanto descobertos.

Também não serão tidas em conta as necrópoles com exceção das áreas sepulcrais integradas em povoados, como sucede em alguns povoados abertos do Bronze Pleno. Basicamente este critério leva apenas à ausência das necrópoles de cistas, uma vez que as novas arquiteturas funerárias recentemente documentadas na região, como os hipogeus e as fossas, invariavelmente integram-se sempre em contextos habitacionais.

Os sítios arqueológicos foram divididos em diversas categorias em função do tipo de implantação que possuem no terreno, à falta de melhor critério para os agrupar. Assim, para o Bronze Pleno temos apenas a categoria dos povoados abertos de planície enquanto que para o Bronze Final regista-se uma maior diversidade que podemos sintetizar nas seguintes categorias: 1 - povoados fortificados de altura, 2 - povoados fluviais fortificados, 3 – povoados fluviais não fortificados, 4 – Atalaias ou pequenos povoados de altura, 5 – povoados abertos de planície/quintas ou granjas.

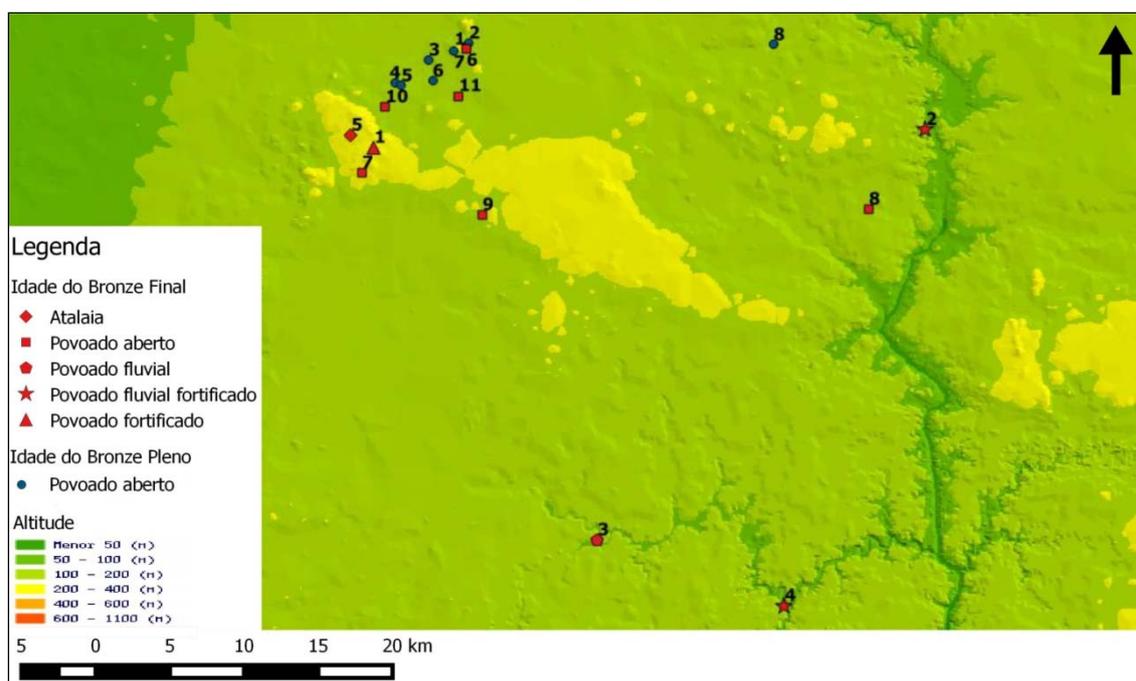


Fig. 2 – Localização dos povoados referidos no texto. Povoados da Idade do Bronze Pleno: 1 - Pedreira de Trigaches 2, 2 - Pedreira de Trigaches 3, 3 - Vinha das Calças 5, 4 - Horta de Panéque, 5 - Horta do Jacinto, 6 - Vale de Coutos 2, 7 - Trigaches 9, 8 - Pexem. Povoados da Idade do Bronze Final: 1 - Outeiro do Circo, 2 - Castelos, 3 - Pé do Castelo, 4 - Monte do Mosteiro, 5 - Cabeço da Serpe, 6 - Pedreira de Trigaches 2, 7 - Arroteia 6, 8 - Folha do Ranjão, 9 - Pisões 5, 10 - Misericórdia 2, 11 - Monte do Bolor 3. (Base Cartográfica cedida pela Direcção Geral do Território, editada pelos autores).

3.1. Os povoados do Bronze Pleno³

Povoados abertos de planície

| Id | Designação | CNS | Freguesia |
|----|----------------------------|-------|---|
| 1 | Horta da Arruda 6 | 29937 | Baleizão |
| 2 | Monte Branco 10 | 34886 | Baleizão |
| 3 | Monte Branco 5 | 34909 | Baleizão |
| 4 | Pexem | 31851 | Baleizão |
| 5 | Quinta de São Pedro 9 | 33663 | Baleizão |
| 6 | Vale de Alcaldes de Cima 2 | 29978 | Baleizão |
| 7 | Lagarinhos 5 | 35826 | Beja - Salvador e Santa Maria |
| 8 | Almocreva | 35740 | Beja - Santiago Maior e São João Baptista |
| 9 | Horta de Cima | 35357 | Beja - Santiago Maior e São João Baptista |
| 10 | Lobeira de Cima/Cântaros | 35741 | Beja - Santiago Maior e São João Baptista |
| 11 | Lobeira de Cima 1 | 35743 | Beja - Santiago Maior e São João Baptista |
| 12 | Monte do Almocreva 1 | 35799 | Beja - Santiago Maior e São João Baptista |
| 13 | Quinta da Saúde 3 | 35333 | Beja - Santiago Maior e São João Baptista |
| 14 | Ribeira do Barranco 2 | 25800 | Beja - Santiago Maior e São João Baptista |
| 15 | Horta de Panéque | 31259 | Beringel |
| 16 | Horta do Jacinto | 31377 | Beringel |
| 17 | Vale de Coutos 2 | 32486 | Beringel |
| 18 | Misericórdia 2 | 33267 | Beringel |
| 19 | Monte das Cabeceiras 2 | 33852 | Cabeça Gorda |
| 20 | Monte das Cabeceiras 4 | 33851 | Cabeça Gorda |
| 21 | Monte da Robalinha | 34791 | Nossa Senhora das Neves |
| 22 | Sabriço 2 | 29977 | Nossa Senhora das Neves |
| 23 | Covas 1 | 31540 | São Matias |

³ Todos os sítios descritos foram intervencionados no âmbito de ações de minimização sobre o património arqueológico integradas no Projeto Alqueva, exceto quando expressamente indicado.

| | | | |
|----|-----------------------------------|-------|-------------------------|
| 24 | Monte da Apariça 3 | 29975 | São Matias |
| 25 | São Matias | 31073 | São Matias |
| 26 | Arroteia 13 | 34559 | Salvada e Quintos |
| 27 | Barranco da Toscana | 35094 | Salvada e Quintos |
| 28 | Medronhas 1 | 34752 | Salvada e Quintos |
| 29 | Monte Alto 3 | 34500 | Salvada e Quintos |
| 30 | Monte Novo da Quinta do Castelo 1 | 34561 | Salvada e Quintos |
| 31 | Monte Novo da Quinta do Castelo 3 | 34563 | Salvada e Quintos |
| 32 | Monte da Aldeota | 34798 | Salvada e Quintos |
| 33 | Monte da Azinheira 2 | 35045 | Salvada e Quintos |
| 34 | Monte da Cruz 3 | 35007 | Salvada e Quintos |
| 35 | Monte da Gravia do Meio 9 | 34797 | Salvada e Quintos |
| 36 | Monte da Horta Nova 1 | 34423 | Salvada e Quintos |
| 37 | Monte da Preguiça 1 | 34625 | Salvada e Quintos |
| 38 | Monte da Raposinha | 34979 | Salvada e Quintos |
| 39 | Monte das Oliveiras 4 | 34621 | Salvada e Quintos |
| 40 | Monte do Capitão 1 | 34087 | Salvada e Quintos |
| 41 | Monte do Vermelho 1 | 34788 | Salvada e Quintos |
| 42 | Quinta do Castelo 6 | 34524 | Salvada e Quintos |
| 43 | Quinta do Estácio 12 | 34748 | Salvada e Quintos |
| 44 | Quinta do Estácio 13 | 34759 | Salvada e Quintos |
| 45 | Quinta do Estácio 14 | 34978 | Salvada e Quintos |
| 46 | Quinta do Estácio 6 | 34405 | Salvada e Quintos |
| 47 | Quinta do Estácio 7 | 34406 | Salvada e Quintos |
| 48 | Salvada 11 | 34623 | Salvada e Quintos |
| 49 | Fonte dos Piolhos 2 | 35114 | Santa Clara do Louredo |
| 50 | Barranco das Figueiras 2 | 35093 | Santa Clara do Louredo |
| 51 | Monte Branco 1 | 26895 | Santa Vitória e Mombeja |
| 52 | Monte do Vilarinho 1 | 35419 | Santa Vitória e Mombeja |
| 53 | Monte de Santo Adrião 8 | 31391 | Trigaches e São Brissos |
| 54 | Vale da Fonte da Rata 4 | 31556 | Trigaches e São Brissos |
| 55 | Pedreira de Trigaches 2 | 31546 | Trigaches e São Brissos |
| 56 | Pedreira de Trigaches 3 | 32044 | Trigaches e São Brissos |
| 57 | Vinha das Caliças 5 | 28785 | Trigaches e São Brissos |
| 58 | Trigaches 9 | 31552 | Trigaches e São Brissos |

Tabela 1 – Listagem de povoados do Bronze Pleno

Pedreira de Trigaches 2 (União de Freguesias de Trigaches e São Brissos)

O povoado de Pedreira de Trigaches 2 situa-se numa zona de planície rodeada por linhas de água secundárias. Foram intervencionadas diversas estruturas em negativo, que revelaram cronologias entre o Calcolítico e a Idade do Bronze. Esta última fase de ocupação enquadra-se entre o Bronze Pleno e Final segundo as datações de radiocarbono obtidas sobre sementes e cortiça. As estruturas correspondem a fossas de tipo silo, com a particularidade de uma delas ter revelado a presença de milhares de sementes de cevada (fig. 3). Trata-se da rara comprovação da utilização primária deste tipo de estruturas que geralmente só revelam a fase de abandono e amortização através da sua selagem e preenchimento com sedimento e materiais diversos. Em Pedreira de Trigaches 2 ainda há a registar a presença de uma deposição de ossos de cervídeo e um enterramento de um indivíduo (Antunes *et al.* 2012: 284-285) demonstrando a utilização funerária simultânea destes espaços habitacionais.



Fig. 3 – Pedreira de Trigaches 2. Fossa com sementes (foto: Arqueologia e Património, Lda.)

Pedreira de Trigaches 3 (União de Freguesias de Trigaches e São Brissos)

Este sítio localiza-se a apenas 200 metros de Pedreira de Trigaches 2, implantado numa situação similar. Foram escavadas cinco estruturas negativas que genericamente também podem ser enquadradas no Bronze Pleno apesar da ausência de datações radiométricas. Tal como em Pedreira de Trigaches 2, também aqui se registou a presença de uma fossa contendo sementes de cereais (Antunes *et al.* 2012: 286). Dada a curta distância para Pedreira de Trigaches 2 poderá tratar-se do mesmo povoado, demonstrando a extensão que estes sítios abertos de planície podem atingir.

Vinha das Calças 5 (União de Freguesias de Trigaches e São Brissos)

O sítio de Vinha das Calças 5 situa-se sobre uma pequena elevação sobranceira a linha de água secundária. Entre as várias estruturas negativas escavadas, com cronologias de várias épocas, destaca-se uma fossa do Bronze Pleno com dois recipientes cerâmicos completos fraturados *in situ* (Antunes *et al.* 2012: 286).

Trigaches 9 (União de Freguesias de Trigaches e São Brissos)

O sítio de Trigaches 9 apenas revelou uma fossa com materiais da Idade do Bronze num total de 10 fossas escavadas, com materiais maioritariamente de cronologias históricas (Baptista 2010: 73). Podemos colocar a questão se poderá de facto tratar-se de mais um povoado aberto de planície ou se corresponderá antes a um tipo de ocupação mais simples como uma quinta ou granja.

Horta de Panéque (Beringel)

Os trabalhos arqueológicos realizados permitiram a descoberta de uma única fossa contendo dois enterramentos, cuja datação por radiocarbono os situa dentro do Bronze Pleno. Possui um enquadramento geográfico similar aos restantes povoados mencionados (Antunes *et al.* 2012: 286).

Horta do Jacinto (Beringel)

Localiza-se em zona plana a cerca de 500 metros da Horta do Panéque. Detetaram-se duas fossas com materiais enquadráveis no Bronze Pleno. Uma das fossas revelou a presença de duas deposições, uma de um indivíduo adolescente em posição sentada (fig. 4) que se sobrepunha a outra de um animal (javali) (Antunes *et al.* 2012: 286).



Fig. 4 – Horta do Jacinto. Fossa com inumação de adolescente em posição sentada (foto: Arqueologia e Património, Lda.)

Vale de Coutos 2 (Beringel)

O sítio de Vale de Coutos 2 situa-se numa zona aplanada percorrida por uma pequena ribeira. Foram aí detetadas 5 estruturas de cronologia pré-histórica, onde, apesar da presença de materiais calcolíticos, surgiram taças carenadas e fragmentos mamilados que apontam para uma ocupação dentro do Bronze Pleno (Baptista *et al.* 2013b: 811-812).

Pexem (Baleizão)

O sítio de Pexem já havia revelado uma ocupação de época romana, mas trabalhos posteriores permitiram a deteção de cerca de 50 contextos pré-históricos, constituídos maioritariamente por fossas e por dois contextos funerários, um hipogeu e uma

estrutura de planta subretangular. O hipogeu revela características similares a outros recentemente dados à estampa, possuindo uma antecâmara escalonada que permite o acesso à câmara funerária onde se identificou um indivíduo que tinha como espólio funerário um punção em liga de cobre e uma taça (fig. 5). A outra estrutura funerária revelou o mesmo tipo de espólio (Baptista *et al.* 2013a: 2558). Mais uma vez estamos na presença de um povoado aberto possuidor de área sepulcral, mas que aqui não mostra o aproveitamento de fossas de tipo silo para a realização de enterramentos, mas antes a construção de um hipogeu com propósito evidentemente fúnebre.



Fig. 5 – Pexem. Dádivas funerárias (taças e punções). (foto: Arqueologia e Património, Lda.)

Para além dos sítios descritos, muitos outros apontam para cronologias do Bronze Pleno, no entanto a informação disponível resume-se a breves notas na base de dados Endovélico (que serviu de base à elaboração das tabelas 1 e 2) que não permitem uma leitura mais completa de modo a integrarem o presente trabalho. Para além destes casos, existem outros sítios cujos conjuntos artefactuais não permitiram uma integração cronológica clara no período em questão, como sucede com os sítios de Monte de Baixo 1, Monte de Baixo 5, Vale da Fonte da Rata 4, Trigaches 14, Vinha das Calças 4 (todos de Trigaches e São Brissos) e Funchais 6 (Beringel) (Baptista *et al.* 2013b: 805).

3.2. Os povoados do Bronze Final

| Id | Designação | Tipologia | CNS | Freguesia |
|----|-----------------------|-----------------------------|-------|---|
| 1 | Pé do Castelo | Povoado fluvial | 29970 | Albernôa e Trindade |
| 2 | Monte das Marianas 3 | Povoado aberto | 21779 | Baleizão |
| 3 | Castelos | Povoado fluvial fortificado | 29935 | Baleizão |
| 4 | Ribeira de São Pedro | Povoado aberto | 35756 | Baleizão |
| 5 | Folha do Ranjão | Povoado aberto | 31647 | Baleizão |
| 6 | Ribeira do Barranco 7 | Povoado aberto | 32623 | Beja - Santiago Maior e São João Baptista |
| 7 | Torre do Carril 3 | Povoado aberto | 31960 | Beja - Santiago Maior e São João Baptista |
| 8 | Monte do Meio 4 | Povoado aberto | 35403 | Beja - Santiago Maior e São João Baptista |
| 9 | Pisões 5 | Povoado aberto | 33380 | Beja - Santiago Maior e São João Baptista |
| 10 | Misericórdia 2 | Povoado aberto | 33267 | Beringel |

| | | | | |
|----|-----------------------------|-------------------------------|-------|----------------------------------|
| 11 | Bela Vista 3 | Povoado aberto | 33241 | Beringel ⁴ |
| 12 | Monte do Mosteiro | Povoado fluvial fortificado | 29995 | Salvada e Quintos |
| 13 | Cabeço da Serpe | Atalaia | - | Santa Vitória e Mombeja |
| 14 | Cerca 3 | Povoado aberto | 34779 | Santa Vitória e Mombeja |
| 15 | Outeiro do Circo | Povoado fortificado de altura | 4672 | Santa Vitória e Mombeja/Beringel |
| 16 | Ribeira da Chaminé 12 | Povoado aberto | 34778 | Santa Vitória e Mombeja |
| 17 | Arroteia 6 | Povoado aberto | 33839 | Santa Vitória e Mombeja |
| 18 | Pedreira de Trigaches 2 | Povoado aberto | 31546 | Trigaches e São Brissos |
| 19 | Monte do Bolor 3 | Povoado aberto | 31962 | Trigaches e São Brissos |
| 20 | Poço da Aldeia da Ribeira 6 | Povoado aberto | 32705 | Trigaches e São Brissos |

Tabela 2 – Listagem de povoados do Bronze Final

Povoados fortificados de altura

Outeiro do Circo (União de Freguesias de Santa Vitória e Mombeja / Beringel)

O Outeiro do Circo, localmente conhecido como “*Cerro dos Muros*”, é um grande povoado fortificado do Bronze Final que vem sendo alvo de escavações arqueológicas no âmbito de projetos de investigação desde 2008. Ocupa uma colina alongada, com cota máxima de 276 m, integrada numa formação geológica de tipo *horst-graben*, rodeado a norte e oeste por outras pequenas elevações, dominando a planície ondulada a sul e este (fig. 8) (Serra 2014b: 77).

É rodeado por uma extensa linha de muralha, em parte dupla, que define uma área de 17 hectares (Serra e Porfírio 2013: 19). Escavações conduzidas num segmento da muralha permitiram documentar a complexidade construtiva desta estrutura que integra um muro superior, um sistema de rampas e plataformas, um muro de contenção e um fosso (Serra e Porfírio 2012: 140). O conjunto artefactual integra um importante acervo de cerâmicas de ornatos brunidos (Silva 2014) e vestígios relacionados com a produção de objetos de ouro e bronze (Valério *et al.* 2013: 612). Os trabalhos de 2014 e 2015 atestaram a presença de materiais arqueológicos da Idade do Ferro e de época romana apesar de não se documentarem estratigraficamente fases de ocupação destes períodos (Serra, Porfírio e Silva 2016: 217).

⁴ Pertencia à União de Freguesias de Santa Vitória e Mombeja à data da intervenção



Fig. 6 – Outeiro do Circo. Foto aérea do topo (foto: SPN – Engenharia e Geofísica)

Povoados fluviais fortificados

Castelos (Baleizão)

O povoado de Castelos foi descoberto na margem direita do Guadiana em prospeção arqueológica por Maria da Conceição Lopes que o atribuiu ao Bronze Final. Ocupa dois cabeços rodeados por duas linhas de muralhas (Lopes 2003, vol. II: 14), cujos taludes ainda são observáveis no terreno (fig. 7). Apesar de não existir qualquer planta do sítio cifrou-se a sua área de ocupação entre os 4 e 6 hectares em função da mancha de dispersão de materiais (Serra 2014b: 85). Nunca foi alvo de trabalhos de escavação arqueológica que permitam um melhor conhecimento da sua cronologia bem como da ocupação no interior, mas regista-se o achado de algumas peças e fragmentos metálicos entre as quais um *tranchet* que corrobora a cronologia proposta (Vilaça 2008-2009: 66). Faria parte de uma rede de povoamento estruturada ao longo do Guadiana, como outros povoados dos concelhos vizinhos de Moura e Serpa (Vilaça 2008-2009: 66), e encontra-se mesmo em frente ao povoado do Laço (Serpa) situado na margem esquerda do Guadiana a menos de 1 km, com boa visibilidade entre ambos (Serra 2014: 85).



Fig. 7 – Castelos (Baleizão). Corte na linha de muralha interior (foto: Miguel Serra)

Monte do Mosteiro (União de Freguesias de Salvada e Quintos)

Este povoado implanta-se num meandro pronunciado rematado por uma encosta escarpada sobre a Ribeira de Terges. Não se conhece a sua planta, mas identificou-se uma linha de muralha no acesso norte durante prospeções para a Carta Arqueológica de Beja. Foi-lhe atribuída uma cronologia entre o Bronze Final e o Ferro Inicial pelo modelo de implantação, semelhante ao de outros povoados em ambas as margens do Guadiana, mas não se recolheram materiais que confirmem esta proposta (Serra 2014b: 84).

Povoados fluviais não fortificados

Pé do Castelo (União de Freguesias de Albernôa e Trindade)

O sítio de Pé do Castelo, também conhecido localmente como Pego do Castelo, abrange um cabeço destacado sobre a Ribeira de Cobres. Foi identificado na sequência da descoberta fortuita de uma peça em bronze que conduziu à realização de prospeções arqueológicas no local onde se vieram a recolher outros materiais, nomeadamente algumas cerâmicas (Lopes e Vilaça 1998). Não se reconhecem taludes artificiais que possam ser associados à presença de qualquer estrutura defensiva e o sítio possui fácil acesso para norte em direção à Ribeira de Terges, mas as restantes vertentes apresentam-se bastante escarpadas formando uma defesa natural aumentada pela Ribeira de Cobres no sopé (fig. 8).

A peça de bronze aí recolhida possui um carácter excecional e poderá ter origem oriental, sendo integrada no Bronze Final (*idem* 1998: 76).

A plataforma onde foram recolhidos os diversos materiais tem uma área de 1,5 hectares, definindo um povoado de pequenas dimensões mas com um controle estratégico importante sobre uma zona de passagem na Ribeira de Cobres, o que lhe conferiria importância a nível regional capaz de justificar a presença de uma peça que terá de ser entendida com um verdadeiro bem de prestígio (Serra 2014: 84).



Fig. 8 – Pé do Castelo visto de Sudoeste (foto: Francisco Santos)

Atalaias ou pequenos povoados

Cabeço da Serpe (União de Freguesias de Santa Vitória e Mombeja)

Possível atalaia localizada a cerca de 1 km do Outeiro do Circo com o qual deverá estar relacionada (fig. 9).

Trata-se de um cabeço aplanado de baixa altitude (258 m) onde se observam diversos blocos de afloramento à superfície. Os materiais aí recolhidos em diversas prospeções, quer no âmbito da Carta Arqueológica de Beja, quer integradas no Projeto Outeiro do Circo colocam a hipótese de ter tido ocupações no Calcolítico e na Idade do Bronze.

Considerando que o Outeiro do Circo tem a sua visibilidade nesta direção (noroeste) limitada pelos relevos do Cabeço da Serpe, este seria o lugar indicado para instalar um fortim ou atalaia que permitisse o domínio visual para as áreas de planície a norte e para as zonas serranas a oeste – noroeste (Serra 2014b: 84).

A possível relação entre o Outeiro do Circo e o Cabeço da Serpe encontra paralelos com a Corôa do Frade e o Castelo do Giraldo (Arnaud 1979: 87)



Fig. 9 – Vista do Outeiro do Circo a partir do Cabeço da Serpe (foto: Miguel Serra)

Povoados abertos de planície

Pedreira de Trigaches 2 (União de Freguesias de Trigaches e São Brissos)

Este povoado aberto já foi destacado a propósito da sua ocupação do Bronze Pleno. No entanto, uma das datações obtidas pode indicar que a sua ocupação se estendeu até um momento transitório entre o Bronze Pleno e o Final (Antunes *et al.* 2012: 305).

Arroteia 6 (União de Freguesias de Santa Vitória e Mombeja)

Povoado aberto de planície implantado sobre uma pequena elevação entre duas linhas de água. Foi detetado no decurso do acompanhamento arqueológico de uma obra de abastecimento de água através da identificação de uma única fossa que continha diversos artefactos cerâmicos enquadráveis no Bronze Final (fig. 10) (Serra 2014b: 82).

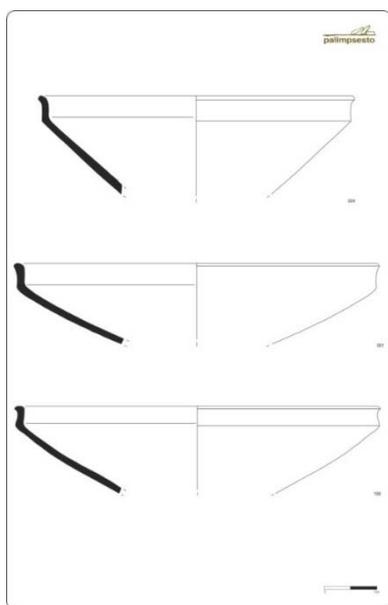


Fig. 10 – Taças carenadas de Arroteia 6

Folha do Ranjão (Baleizão)

Situado próximo do Guadiana numa área plana com solos de grande potencial agrícola, poderá ter diversas fases de ocupação como sugerido pela recolha superficial de materiais calcólicos, do Bronze Final, da Idade do Ferro e de época islâmica (Soares 2013: 294).

Pisões 5 (União de Freguesias de Santiago Maior e São João Baptista)

Pequeno povoado aberto localizado próximo da *Villa* romana de Pisões e identificado no âmbito de trabalhos do Projeto Alqueva. Foram detetadas estruturas de diversas fases cronológicas, datadas do Neolítico, Calcólico, Bronze Final, II Idade do Ferro e época romana. Do Bronze Final surgiram evidências numa das estruturas negativas que continha diversas cerâmicas entre as quais se destacavam fragmentos com decoração de ornatos brunidos (fig. 11). Esta cronologia haveria de ser confirmada através de uma data de radiocarbono obtida a partir de uma amostra de fauna mamalógica. A estrutura enquadrável no Bronze Final poderá corresponder a um fundo de cabana, tal como sugerido pela sua configuração e pela presença de um buraco de poste (Bargão e Soares 2016: 72-75).

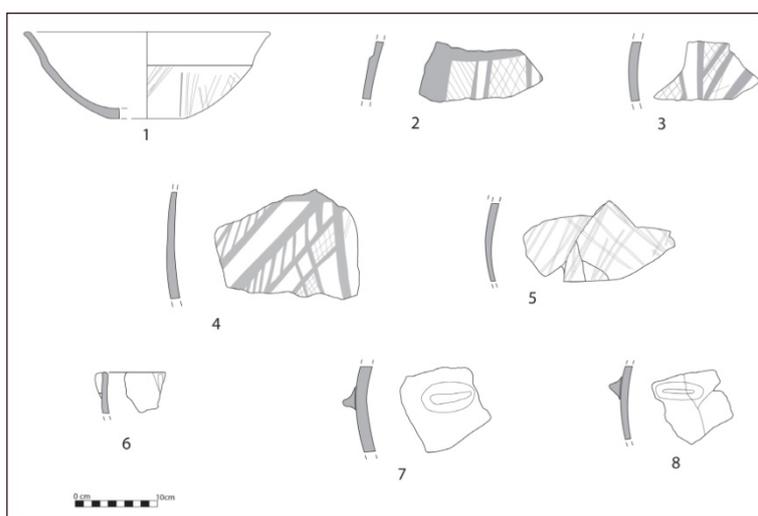


Fig. 11 – Cerâmicas de ornatos brunidos de Pisões 5 (retirado de Bargão e Soares 2016: 74)

Misericórdia 2 (Beringel)

O sítio de Misericórdia 2, localizado a curta distância do povoado fortificado do Outeiro do Circo, corresponde a um sítio de fossas enquadrado no Bronze Pleno e Final.

Foi intervencionado durante a construção do IP8, numa encosta junto a um conjunto de cerros entre os afluentes da Ribeira da Figueira, numa altitude média de 175 m. Foram escavadas 6 fossas onde se recolheu um importante espólio cerâmico muito variado e dentro do qual se destaca a presença de fragmentos com decoração incisa com paralelos no mundo de Cogotas. Também se registou a presença de elementos metálicos, sobretudo uma ponta de seta e um fragmento de uma possível fíbula e vestígios de fundição entre os quais dois fragmentos de cadinhos (Castanheira 2015).

Monte do Bolor 3 (União de Freguesias de Trigaches e São Brissos)

O Monte do Bolor 3, intervencionado no âmbito do Projeto Alqueva, revela também uma larga diacronia de ocupação entre o Calcolítico e o período romano. Foi atestada uma fase de ocupação do Bronze Final materializada na existência de alguns valados e fossos (Borges *et al.* 2012: 116) que deverão corresponder a uma qualquer forma de delimitação do espaço do povoado ou a parcelários.

4. Considerações finais

A transição do Bronze Pleno para o Bronze Final traduz-se sobretudo no adensar da ocupação do território que se reflete no aparecimento de novos tipos de sítios designadamente as ocupações em altura (Soares 2013: 275).

Durante o Bronze Pleno emerge uma ocupação de espaços abertos na peneplanície que se multiplica por todo o território. Estes povoados irão implantar-se em zonas de solos férteis, quer em áreas planas, encostas suaves ou pequenas elevações, sempre nas proximidades de linhas de água secundárias. Sem aparentes preocupações defensivas, podem no entanto exibir vestígios de parcas tentativas de delimitação dos espaços através de valados, como parecem apontar os dados obtidos em Monte do Bolor 3.

As arquiteturas dos seus espaços habitacionais permanecem em grande parte desconhecidas, pois os únicos vestígios que nos chegaram apontam para a existência de áreas de armazenagem materializadas nas fossas de tipo silo que constituem praticamente uma imagem de marca deste tipo de sítios. Esta ausência de dados aponta para a existência de construções simples de caráter perecível, provavelmente com

recurso a elementos vegetais ou arquiteturas de terra cujos vestígios não se conservaram no registo arqueológico (Serra 2014a: 280).

Em muitos dos casos documentados surgem indícios da utilização funerária secundária de fossas, tal como assinalado em Pedreira de Trigaches 2, Horta do Panéque, Horta do Jacinto e Pexem mas também de estruturas concebidas propositadamente para este fim como os hipogeus, como documentado em Pexem. Trata-se de uma realidade bem presente em territórios vizinhos como na região de Serpa onde sítios como Outeiro Alto e Torre Velha 3, entre outros, revelaram grandes concentrações de estruturas negativas, por vezes contendo enterramentos e outras áreas sepulcrais que reúnem importante número de hipogeus (Alves *et al.* 2010; Filipe *et al.* 2013).

A já mencionada falta de publicações sobre a maioria deste tipo de sítios condiciona a visão da sua aparente complexidade, pois apenas dispomos de dados para oito povoados, por vezes apenas de forma parcelar ou sumária, num total de 58 sítios identificados com cronologias integráveis no Bronze Pleno, aos quais haverá que adicionar muitos outros recentemente intervencionados e que ainda não se encontram adicionados às bases de dados.

Uma outra importante limitação à produção de conhecimento refere-se às características das intervenções que permitiram identificar estas novas realidades do Bronze do Sudoeste. Praticamente quase todos os sítios deste período surgiram no âmbito de ações de minimização decorrentes de obras de construção, muitas vezes limitadas à realização de escavações circunscritas às zonas de abertura de valas, o que condiciona o conhecimento sobre a dimensão e morfologia destes sítios. Continuamos sem saber se estes sítios obedecem a uma mesma estratégia de implantação ou a diferentes formas de apropriação do espaço, tratando-se de povoados concentrados ou polinucleados?

Apesar de termos referido anteriormente que a presente análise não iria incluir as necrópoles de cistas conhecidas na região para esta época, devemos no entanto mencioná-las apenas para dizer que os dados disponíveis apontam para uma ausência de estruturas habitacionais junto delas e mesmo as raras necrópoles deste tipo recentemente identificadas reforçam esta imagem, com as exceções do Monte das Aldeias (Pedrógão, Vidigueira) e Monte da Cabida 3 (S. Manços, Évora), ambos

situados fora da nossa área de análise. Se no primeiro caso coexistem cistas junto de hipogeus (outra associação pouco documentada) e fossas (Baptista et al. 2013a: 2542), no segundo exemplo as cistas coexistem apenas com fossas de tipo silo (Antunes *et al.* 2012: 282) mostrando a partilha com espaços de cariz doméstico.

Teremos assim para o Bronze Pleno uma estratégia de povoamento assente na dispersão por um vasto território, que poderá também indiciar a existência de pelo menos alguns povoados sazonais o que leva a propor que estas comunidades deambulariam pela peneplanície de Beja ao longo das estações do ano, mantendo como referencial agregador as necrópoles de cistas com as suas arquiteturas pétreas e o seu fácil reconhecimento visual através da implantação de estelas (Serra 2014a: 276-277), ao mesmo tempo que coexistem com outras tradições funerárias mais discretas na paisagem inseridas nos próprios espaços de vida, como os hipogeus e as fossas funerárias. Existe uma clara preferência por zonas de fácil acesso que revelam uma orografia suave e plana e que mantêm a proximidade com linhas de água necessárias à subsistência, demonstrando um povoamento homogéneo e sem aparentes hierarquias ou especialização de funções.

Cenário diferente se nos apresenta durante a última etapa da Idade do Bronze no concelho de Beja. Desde logo surge um povoamento de novo tipo que conquista outros espaços até então resguardados da presença humana, como as ocupações de altura.

A manutenção de povoados abertos com estratégias de implantação idênticas ao período anterior, por vezes sobrepostas nos mesmos locais, revela um certo grau de permanência, mas deve notar-se uma grande retração quando os dados disponíveis apenas nos indicam 14 povoados abertos no Bronze Final em clara dissonância com os quase 60 da época precedente. Este aspeto deve ser analisado em consideração com o fenómeno de aglutinação populacional proporcionada pela emergência do grande povoado fortificado do Outeiro do Circo que exerce um certo magnetismo sobre a ocupação humana no território envolvente (Serra 2014b: 81). Também assistimos, nestes povoados abertos, a novas atividades que ganham importante expressão como a prática metalúrgica, atestada por exemplo em Misericórdia 2 pelo aparecimento de cadinhos de fundição, provando que esta não é exclusiva dos povoados mais imponentes

como sugerido pela descoberta de restos de produção metalúrgica no Outeiro do Circo (Valério *et al.* 2013).

Mas a principal característica do povoamento do Bronze Final é assumida pelos povoados de altura e pela construção de muralhas que muitos ostentam, assistindo-se de certo modo a uma afirmação da sua soberania sobre o território apropriado (Serra 2014b: 75).

Se ao Outeiro do Circo caberá um possível papel de centro de poder principal na região considerada, intuído pela sua inusual dimensão com 17 hectares e pela complexidade do seu sistema defensivo, que lugar nesta hierarquia de funções ficará reservado para outros povoados fortificados de grandes dimensões como o Castelos em Baleizão ou possivelmente o Monte do Mosteiro na Salvada que apresentam muralhas destacadas e áreas consideráveis entre os 4 e 6 hectares? Farão parte da rede de povoamento organizada a partir do Outeiro do Circo, sendo seus dependentes diretos e assumindo o papel de controlo de importantes pontos de acesso fluviais no Rio Guadiana e na Ribeira de Terges ou serão antes centros independentes que manterão uma relação simbiótica com o Outeiro do Circo? Estes povoados que designamos por fluviais revelam importantes diferenças entre si como é bem exemplificado pelas características do Pé do Castelo, com uma implantação sobre o terreno semelhante ao Monte do Mosteiro e aos Castelos, mas com uma dimensão muito inferior e ausente de muralhas que o defendam para o interior. É no entanto neste pequeno sítio que nos surge uma peça em bronze de inegável qualidade e possível fabrico forâneo, algures na orla mediterrânica, que poderá ser visto como um tributo de passagem (Lopes e Vilaça 1998: 179) ou talvez como exemplo de uma aliança (Serra 2014b: 82) que levaria a compreender a ausência de preocupações defensivas viradas para o vasto espaço de planície interior, mas constituindo-se como uma autêntica fortaleza natural para quem de sul viesse e quisesse assegurar aí a passagem para os férteis terrenos do Barros Pretos de Beja!

Claramente integrado numa ordem hierárquica de dependência para com o Outeiro do Circo surge ainda um pequeno povoado de altura, o Cabeço da Serpe, que mais do que sítio de habitat, deveria antes ser local de instalação de uma vigia, para a qual bastaria uma perene estrutura de madeira, escassamente documentada em termos dos materiais arqueológicos aí recolhidos.

O conhecimento sobre as formas de ocupação do Bronze Final fica ainda algo condicionado por alguns destes sítios, sobretudo os de altura, terem sido apenas objeto de trabalhos de recolhas superficiais o que impede de momento o avançar de outras hipóteses sobre as estratégias de povoamento deste período.

Bibliografia

- ALVES, C., COSTEIRA, C., ESTRELA, S., PORFÍRIO, E., SERRA, M., SOARES, A. M. e MORENO-GARCÍA, M. (2010) – Hipogeus funerários do Bronze Pleno da Torre Velha 3 (Serpa, Portugal): o Sudeste no Sudoeste. *Zephyrus*. LXVI, 133-153.
- ANTUNES, A., DEUS, M., SOARES, A. M., SANTOS, F., ARÉZ, L., DEWULF, J., BAPTISTA, L. e OLIVEIRA, L. (2012) – Povoados abertos do Bronze Final no Médio Guadiana. In JIMÉNEZ ÁVILA, J. (ed) – *Sidereum Ana II. EL río Guadiana en el Bronce Final* (Anejos de AEspA LXII). Mérida, 277-308.
- BAPTISTA, L. (2010) – The Late Prehistory of the watershed of the ribeiras of Pisão and Álamo (Beja, South Portugal): a research programme. *Journal of Iberian Archaeology*. 13, 69-84.
- BAPTISTA, L., GOMES, S., PINHEIRO, R., RODRIGUES, Z., VALE, N., GRILO, J., MENDONÇA, R., LUÍS, L., SARAIVA, A. e MOTA, R. (2013a) – Ponto de situação dos trabalhos de minimização de impactes sobre o património cultural decorrentes da execução do Circuito Hidráulico de Pedrógão – Fase de Obra (1ª fase) (Vidigueira e Beja, Portugal). In JIMÉNEZ ÁVILA, J., BUSTAMONTE ÁLVAREZ, M. e GARCIA CABEZAS, M. (eds), *Actas del VI Encuentro de Arqueología del Suroeste Peninsular*. Villafranca de los Barros, 2537-2571.
- BAPTISTA, L., OLIVEIRA, L., SOARES, A. M. e GOMES, S. (2013b) – Contributos para a discussão da construção da paisagem nas bacias das Ribeiras do Álamo e do Pisão (Beringel e Trigaches, Beja) entre IV e I milénios a.C. In JIMÉNEZ ÁVILA, J., BUSTAMONTE ÁLVAREZ, M. e GARCIA CABEZAS, M. (eds), *Actas del VI Encuentro de Arqueología del Suroeste Peninsular*. Villafranca de los Barros, 791-827.
- BARGÃO, P. e SOARES, A. M. (2016) – Pisões 5: um sitio de fossas nos barros de Beja. In MEDINA ROSALES, N. (ed), *Actas del VII Encuentro de Arqueología del Suroeste Peninsular*. Aroche-Serpa, 65-87.

- BORGES, S., SALVADOR MATEOS, R., PEREIRA, J, e SILVA, B. (2012) – Monte do Bolor 3 – S. Brissos, Beja: resultados preliminares. In DEUS, M. (coord.), *Actas do V Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular*. Almodôvar, 113-131.
- CASTANHEIRA, P. (2015) – Misericórdia II (Beringel, Beja): algumas notas para o estudo do Bronze Final nas Terras de Barros. *Apontamentos de Arqueologia e Património*. 10, 53-61.
- FILIPE, V., GODINHO, R., GRANJA, R., RIBEIRO, A., VALERA, A. C. (2013) – Bronze Age funerary spaces in Outeiro Alto 2 (Brinches, Serpa, Portugal): the hypogea cemetery. *Zephyrus*, LXXI, 107-129.
- LOPES, M. C. (2003) – *A cidade romana de Beja. Percursos e debates acerca da “civitas” de Pax Iulia*. Coimbra. 2 vols.
- LOPES, M. C. e VILAÇA, R. (1998) – Peça do Bronze Final proveniente do Pé do Castelo (Trindade, Beja). *Arquivo de Beja*. 7-8. Série 3, 63-84.
- MATALOTO, R., MARTINS, J. e SOARES, A. M. (2013) – Cronologia absoluta para o Bronze do Sudoeste. Periodização, base de dados, tratamento estatístico. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 20, 303-338.
- PARREIRA, R. (1977) - O povoado da Idade do Bronze do Outeiro do Circo. *Arquivo de Beja*. Beja. 28-32. Série 1, 31-45.
- PARREIRA, R. e SOARES, A. M. (1980) - Zu einigen bronzzeitlichen Hohensiedlungen in Sudportugal. *Madrider Mitteilungen*. 21, 109-130.
- SERRA, M. (2014a) - Os senhores da planície. A ocupação da Idade do Bronze nos "Barros de Beja" (Baixo Alentejo, Portugal). *Antrope - Série Monográfica 1*, 270-297.
- SERRA, M. (2014b) - Muralhas, Território, Poder. O papel do povoado do Outeiro do Circo (Beja) durante o Bronze Final. In VILAÇA, R. e SERRA, M. (coord), *Idade do Bronze do Sudoeste - Novas perspetivas sobre uma velha problemática*. Coimbra [http://www.uc.pt/fluc/iarq/pub_online/], 75-99.
- SERRA, M.; PORFÍRIO, E. e SILVA, S. (2016) – Projecto Arqueológico do Outeiro do Circo (Beja): campanha de 2015. *Al-Madan*. 20. 2ª série, 216-219.
- SERRA, M. e PORFÍRIO, E. (2013) – O povoado do Bronze Final do Outeiro do Circo (Mombeja/Beringel, Beja): resultados das campanhas de 2008 e 2009. *Vipasca*. 4. 2ª série, 15-28.

- SERRA, M. e PORFÍRIO, E. (2012), O Bronze Final nos “Barros de Beja”. Novas perspectivas de investigação. *Actas do V Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular*. Almodôvar, 133-148.
- SILVA, S. (2014) - As cerâmicas do Outeiro do Circo (Beja): resultados do estudo tecnológico, formal e decorativo. In VILAÇA, R. e SERRA, M. (coord), *Idade do Bronze do Sudoeste - Novas perspectivas sobre uma velha problemática*. Coimbra [http://www.uc.pt/fluc/iarq/pub_online/], 167-185.
- SOARES, A. M. (2013) – O sistema de povoamento do Bronze Final no Baixo Alentejo – Bacia do Guadiana. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 20, 273-302.
- VALÉRIO, P., SOARES, A., ARAÚJO, F., SILVA, R., PORFÍRIO, E., SERRA, M., (2013) – Estudo de metais e vestígios de produção do povoado fortificado do Bronze Final do Outeiro do Circo (Beja). *Arqueologia em Portugal 150 anos – Atas do I Congresso da Associação dos Arqueólogos Portugueses*, Lisboa, 609-615.
- VASCONCELOS, J. L. (1906) – Estudos sobre a época do bronze em Portugal. *O Archeólogo Português*. Lisboa. 11. Série 1, 179-189.
- VILAÇA, R. (2014) - Ensaio sobre a região de Beja em torno do ano mil a.C. Entre a tradição e a inovação. In VILAÇA, R. e SERRA, M. (coord), *Idade do Bronze do Sudoeste - Novas perspectivas sobre uma velha problemática*. Coimbra [http://www.uc.pt/fluc/iarq/pub_online/], 101-125.
- VILAÇA, R. (2008-2009) – Sobre tranchets do Bronze Final do Ocidente Peninsular. *Portugália*, Nova Série. Vol. XXIX-XXX, 61-84.

